



Chrys Chrystello*

O que é a Lusofonia - Parte 2

20 anos de colóquios de 2002 - 2022

1. Genocídio Linguístico - Abr 2008

A maioria das línguas em risco de extinção não consta de dicionários ou gramáticas. *Nettle e Romaine* afirmam “metade das línguas faladas em todo o mundo pode desaparecer.” Para tornar mais explícito o elo entre a sobrevivência linguística e os assuntos ambientais, arguem (Daniell Nettle & Suzanne Romaine, *Vanishing Voices: The Extinction of the World's languages* Oxford University Press 2000): A extinção linguística faz parte do colapso dos ecossistemas mundiais. As batalhas para preservar os recursos ambientais, florestas tropicais, não podem nem devem separadas da luta para manter a diversidade cultural. A causa da morte das línguas assenta na interligação entre a ecologia e a política. Existe um desconhecimento profundo sobre as línguas, desde o número e tamanho, aos nomes e locais. Metade desaparecerá até ao fim do séc. XXI, a cada quinzena, morre uma.

Indonésia	694 (9,5% do total)	Angola	37
Papua Nova-Guiné	673	Moçambique	35
Nigéria	455	Itália	30
Índia	337	Túrcia	30
Camarões	247	França	27
Austrália	226	Alemanha	22
Rep. Dem. Do Congo	206	Guiné-Bissau	15
México	188	Espanha	13
China	186	S. Tomé e Príncipe	4
EUA	165	Macau	3
Brasil	150	Cabo Verde	2
Vanuatu	104	Timor-Leste (talvez 36)	Não consta da lista
Rússia	90		

O ano de 2008 foi o Ano Internacional dos Idiomas pela ONU. A data passou despercebida porque a extinção das línguas não se sente como a inflação, a depressão económica, um tsunami ou sismo.. A longo prazo a tendência é a extinção. Não só as línguas morrem, com elas perde-se um conjunto de hábitos culturais ancestrais. É através da linguagem que se acede à cultura de um povo, ao modo de pensar e de vida, às tradições, ao seu saber.

A língua é uma catedral imponente, enorme esforço criativo, rica tapeçaria do conhecimento. A Capela Sistina ou Mona Lisa nunca desapareceriam sem guardar os traços dessas obras-primas. Em correspondência com *David Crystal*¹ este afirmava (2002)

“Espero que o desenvolvimento da língua portuguesa faça parte duma ética multilíngue nos países em que é falado a fim de que as línguas indígenas sejam respeitadas e apoiadas, o que no caso do Brasil é crítico dado o estado das línguas nativas.”

Na Austrália os colonizadores (séc. XIX) tentaram “civilizar” os aborígenes com valores ocidentais, escolas e vestuário, misturados com Cristianismo e Inglês. Isto foi criminosamente notório quando raptaram literalmente uma em cada dez crianças aborígenes para as forçarem a assimilar os valores da sociedade branca (Aboriginal Stolen Generation” peça “Stolen,” Companhia de Teatro Ilbjerri Aboriginal and Torres Strait Islander, 1992, representada no London's Tricycle Theatre, julho 4-15, 2000). De igual modo, nos EUA, os governos obliteraram da face da terra tribos de índios e forçaram as crianças nativas americanas a frequentarem escolas nas quais era proibido o uso de uma língua que não a inglesa.

A Austrália foi colonizada com gente de Inglaterra e 26 países.² Quando os colonos arribaram (1788) havia 250 línguas aborígenes e 600 dialetos, sobreviveram 250. Tinham vocabulários complexos descrevendo os intrincados meandros da sociedade, com mais de dez mil étimos, terminologias específicas para cerimónias de iniciação ou para aqueles com quem o contacto devia ser evitado. Alguns casais falavam mais do que um idioma e identificavam-se pela geografia e língua. A tradição oral preservou formas verbais e não-verbais, incluindo danças, canções, pintura. Cada grupo linguístico era uma nação com fronteiras, cultura e regras. Em 2008, 10% da população abo-

rigene australiana falava um dos remanescentes 250 dialetos. Destes, 160 desapareceram. Dos restantes 90 dialetos apenas 20 têm uso diário (in *Dr. Annette Schmidt, 1990*), os maiores grupos de idiomas sobreviventes têm entre 3-4 mil falantes. 15 mil pessoas falam Aboriginal Krill e Crioulo das Ilhas Torres. Dos que sobrevivem, metade tem entre dez e cem pessoas capazes de os articularem. (in *Aboriginal Australian Encyclopedia, Canberra: Aboriginal Studies Press for the Australian Institute of Aboriginal and Torres Strait Islander Studies, 94.*) O campeão da extinção de línguas é o Brasil. Das 1 100 indígenas, 180 sobrevivem.

Literatura Açoriana (traduzida). Daniel de Sá, Abr. 2008

Neste universo tão idílico não busquei - ao traduzir - a ausência do ser açoriano, que de certeza existe, em miríade de variações insulares, cada uma vincadamente segregada da outra. Nem apurei se o homem se adaptou às ilhas ou se estas se impõem condicionando a presença humana, para evidenciar a sua diferença, neste caso a açorianidade? Estando esta presente num escritor, explicá-lo é tarefa para estudos mais complexos do que a mera atividade de tradutor, por mais empenhado que possa estar pela sua tradução. *Pedro da Silveira* captou “as mundivindências açorianas,” e na poesia “as inquietações e os sonhos de gente viva de todas as partilhas e um verdadeiro compromisso social.” *Eu apenas captei uma fotografia da alma dos escritores que traduzi.* Podemos citar centenas de autores relevantes.. Como recém-chegado tive o privilégio de aprender idiossincrasias micalenses e picoenses quando, traduzi Daniel de Sá e Manuel Serpa. Deparei-me com noções etimologicamente novas contrastando com o uso ancestral que lhes apõem nos dicionários. Trata-se de desvendar as ilhas como mito paradisíaco recuando na essência até à infância dos autores, sem perder de vista que as ilhas reais já se abriram ao peso do presente e não podem ser apenas perpetuadas nas suas memórias. No plano da linguagem, Daniel de Sá (“O Pastor das Casa Mortas” 2007) dá-se ao luxo de exportar, por mimética, para uma das regiões mais interiores e montanhosas de Portugal, a Beira Alta, o herói em busca de um amor perdido no léxico e na sintaxe dos velhos montes escalavrados, por entre o pastoreio na verdadeira apologia da solidão física que é o retrato de Manuel Cordovão, lusitano de um amor só para toda a vida.

Como o autor diz trata-se de um livro dedicado “*As mulheres e aos homens que ainda acendem o lume nas últimas aldeias de Portugal.*” A narrativa em terminologia não-insular é uma ode ao açoriano isolado, num amor perdido que se encontra quando Caronte ronda. Trata-se de uma visita não ao “despovoamento das ilhas” mas o país real, montanhoso, interior de Portugal. *Aqui não se resgata o imaginário coletivo, no que tem de mais genuíno e identificador, antes se dá a palavra a uma erudição improvável de um apascentador de cabras. Nem há a memória plural, de Gaspar Frutuoso, mas sim a ficionalização dum fenómeno que não se mimetiza apenas na digressão pela Beira Alta. As Casas Mortas são um resultado inelutável da vida do personagem principal, sem que a sátira ou o humor permeiem a couraça de convicções de Manuel Cordovão. Existe uma interdependência do autor, personagens e leitor que nos levou a ver e rever várias vezes, uma só passagem para lhe dar o tom, o colorido, a sonoridade e a poesia da prosa. Pensei que seria única, mas rapidamente me apercebi de que era recorrente à totalidade da obra.* O resultado é rico, denso e tenso, a prosa enovelando em diálogos simples um enredo que prende.

O outro livro intitulado “*Santa Maria Ilha-Mãe*” (2007) é uma viagem ao passado, permeada de nostalgia quase lírica, a magia da infância em cores simples mas nítidas. De como os Açores conviveram com o isolamento de séculos, a ameaça constante dos piratas, a inculcar vincadamente as crenças religiosas, na ilha que não foi muito assolada por terremotos nem explosões piroclásticas. Essa mundivindência, leva-nos num interessante guia turístico.

O título gerou controvérsia, “*Ilha-Mãe; Island Mother*” ou como o autor notaria: “*Não se trata de “mãe” com valor de*

adjetivo, mas sim de dois substantivos, tanto mais que os liguei com hífen. Como bem entendeu, uma ilha que é mãe também. Não é o caso de Ilha Verde, por exemplo.... Ainda hoje recordo exatamente o seu cheiro” e sentimos os cheiros, as cores e as toadas que nos descreve.

“*Embora vivesse numa ilha pequenina, a cinco minutos de um passeio calmo até ao aeroporto de quase todas as companhias aéreas que havia no Mundo, isso para o caso pouco importa!*”

“*A tradução, tal como a escrita, é uma arte e uma maestria, com um toque de alquímia. Quando o autor e o tradutor se reúnem, o resultado pode ser inspirador. As nuances traduzem a língua numa forma de arte.*”³ A minha tradução de *Manuel Serpa* “*Da pedra se fez vinho / When rock became wine*” foi exercício inesquecível com explicações à guisa de glossário, em profusas notas de tradutor. Para um leitor não-insular o texto seria incompreensível, era necessária a intertradução do falar picoense antes de vertido num inglês pouco shakespeariano.

David Crystal⁴ salienta “*a língua inglesa substituiu idiomas nativos como o Cambriano, Cornualhês, Norn e o galês Manx, embora esteja a ser substituída pela sua variante norte-americana.*” Ao ler trabalhos na língua de Saramago, do colombiano García Márquez, do egípcio Naguib Mahfouz (apenas 4 livros traduzidos para português) devemos ser sempre humildes em relação aos colegas tradutores, capazes de penetrarem as mais recônditas minudências das línguas de origem e transformarem-nas nas mesmas tonalidades na nossa língua. Foi o que tentei fazer ao descobrir a Açorianidade dos autores que traduzi e afirmo que a literatura açoriana está viva, de boa saúde e recomenda-se.

Cito um exemplo (1998) do jornal *The Boston Globe*, em que as vendas na Rússia de um ‘depilador’ tinham sido objeto de promoção como sendo um ‘tónico capilar’ para desespero de todos os recém-carecas. Outros exemplos abundam como o da água mineral “*Blue Water*” anunciada em Ucrainiano como “*bluvota*” [vômito] ou o anúncio do champô “*Wash and Go*” que em Russo soa a ‘vosh’ ou piolho. Admitamos que traduções semelhantes são infelizmente correntes em material promocional do arquipélago.

Dei conta da extinção das línguas, que têm de ser mantidas, tratadas e estimadas. Elas não dividem países, a intolerância sim. Ignoramos a perda diária de línguas e nem sentimos a sua falta, outros acreditam que a pluriexistência é uma praga que assola a humanidade desde a Torre de Babel, em vez de ajudar a comunicar serve para confundir pela diversidade. Felizmente há muitos clamores alegando que a extinção das línguas é uma ameaça à espécie humana, e que, tal como a diversidade biológica é vital para a saúde da Terra, como as diversidades intelectuais e culturais. Isto é cada vez menos falacioso devido à globalização desenfreada. A sobrevivência dos idiomas depende de todos nós pelo que devemos aproveitar as novas tecnologias neste mundo de ondas hertzianas sem fronteiras onde a tirania dos governos não penetra. Usemos a Internet para proteger e recriar as línguas antes que se extingam. A tradução é essencial para reconhecer uma Nova Europa, e dezenas de línguas pondo-nos em contacto direto e instantâneo com culturas de vários países. Possam também descobrir a rica cultura açoriana.

¹correspondência em 2001 com o Professor David Crystal.

²(Grécia, Itália, Escócia, Gales, Irlanda, Áustria, Canadá, Gibraltar, Holanda, Hungria, Índia, Madagáscar, Maurícias, Polónia, Rússia, Suécia, EUA; Índias Ocidentais, Cabo da Boa Esperança, Dinamarca, Egito, França, Alemanha, Pérsia, Portugal e Lituânia. (Records of the First Fleet, Jan. 26, 1788)

³ Ann-Marie is a Toronto-based writer and actor.

⁴(Cambridge Encyclopedia of the English Language, David Crystal Cambridge University Press ISBN 0521530334)